

BRASÍLIA QUE ME CRIOU

Do barro à ciência avançada

Neurocientista e diretora presidente da Rede Sarah, Lúcia Willadino lembra da infância na cidade e das possibilidades de criação que a capital recém-criada permitiu

» ARTHUR DE SOUZA

Nascida em Porto Alegre, a doutora e diretora-presidente da Rede Sarah, Lúcia Willadino, 65 anos, se dedica a trabalhos na área da neurociência há mais de quatro décadas. Ela conta que, enquanto ainda cursava a graduação na Universidade de Brasília (UnB), na década de 1970, desenvolveu pesquisas com crianças do Hospital Sarah Kubitschek, associando experiências musicais a tratamentos de reabilitação.

A história da médica em Brasília começou praticamente junto com o início da cidade. “Foi uma infância muito interessante, porque não existia nada. A Asa Norte praticamente não existia e, na Asa Sul, era muito pouca coisa”, recorda-se. “Eu, como criança, achava que cada criança crescia junto com a cidade. Lembro-me da primeira padaria e do primeiro cinema — que foi o Cine Cultura, na W3 —, por exemplo”, destaca. “Além disso, na minha quadra, ninguém tinha carro e, quando compraram o primeiro, foi quase uma invasão de privacidade”, brinca a neurocientista.

Para a médica, foi muito interessante viver aquela época. Ela percebia que a população, principalmente os mais jovens, se sentia parte da construção da cidade. “Além disso, como éramos muito poucos habitantes, parecia uma cidade do interior. Quase todos os dias havia evento de inauguração e, como Juscelino Kubitschek sempre ia, para mim, ele era como um prefeito”, compara Lúcia.

Ela ressalta que, apesar de haver um sotaque próprio atualmente,

Ed Alves/CB/DA,Press



Penso que temos esse potencial criativo imenso. O fato de sermos um 'céu sem montanhas' nos permite expandir em termos de ideias, de pensamentos, de conceitos, de teorias, além de provar, descobrir e gerar coisas novas"

Lúcia Willadino, diretora-presidente da Rede Sarah

no início da cidade, não era assim. “Naquela época tinha, por exemplo, a minha família, que era gaúcha, além de mineiros, paulistas, cariocas e pernambucanos. Era uma grande diversidade de idiomas”, relata. “Fomos aprendendo aquelas palavras e construindo um ‘português brasiliense’”, observa a médica.

A diretora-presidente da Rede Sarah destaca uma lembrança engraçada das inaugurações das quais

participou. “No início, Brasília era aquela terra vermelha, pois estava tudo em obra. Então, tinha uma coisa que a gente chamava de ‘grama da inauguração’”, comenta. “Quando ia inaugurar algo na cidade, o caminhão levava a grama, desenrolava, molhava, tinha o evento, depois enrolavam e levavam para outra inauguração”, acrescenta a neurocientista.

Lúcia também se recorda de outro momento cômico: “Houve um dia que

apareceu lá na Escola Parque — que era o único lugar onde tinha evento cultural — um cartaz escrito ‘concerto de piano’. Só que o pessoal foi achando que seria alguém tocando e, na verdade, tinha um homem consertando o piano, concretamente”.

Transformação

Apesar de ser uma neurocientista de sucesso, Lúcia revela que, no início, nem passava pela sua cabeça seguir nessa área. “Entre na área de música muito cedo. Aprendi a ler partituras antes mesmo de ler palavras e estudei na primeira escola de música, quando ela ainda ficava na W5. Quando entrei na UnB para fazer composição e regência, aquilo que tive como educação na minha infância, me encontrei na universidade. Era praticamente um ‘mundo aberto’, e

acabei pegando matérias de outras áreas como optativas”, comenta.

Naquele momento, ainda no começo da graduação, a médica diz que se interessou pelo desenvolvimento cognitivo e uma professora sugeriu fazer dupla opção para psicologia, pois a área da neuropsicologia estava emergindo naquele momento. “Acabei escrevendo um projeto de pesquisa para o CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico), que foi aprovado. Só que desacreditaram ele. Mesmo assim, trouxe para a Rede Sarah e, em 1977, o diretor da época deixou que eu aplicasse o projeto. Deu muito certo, tanto que, dois anos depois, fui contratada e estou aqui até hoje”, destaca.

Potencial

Para ela, Brasília tem em seu DNA o potencial de dar espaço à criação. “Essa é a marca que a cidade deixou em mim e em todas as crianças que vivem aqui no começo de tudo. O fato de ser uma cidade pioneira, deu a possibilidade para essas pessoas de criar projetos, seja na área de saúde, seja na cultura ou na educação”, observa.

Lúcia, que é uma admiradora das belezas naturais de Brasília, afirma ser importante para o futuro da capital que ela siga como um grande centro gerador de ciências, de arte e de cultura. “Penso que temos esse potencial criativo imenso. O fato de sermos um ‘céu sem montanhas’ nos permite expandir em termos de ideias, de pensamentos, de conceitos, de teorias, além de provar, descobrir e gerar coisas novas.”

Luz em tempos difíceis

“A cada dia que passa, seguimos nos encantando e descobrindo novos contos e cantos em Brasília.” É dessa forma que a pesquisadora em saúde pública da Fiocruz Brasília Erica Tatiane da Silva, 39 anos, define sua vida em Brasília até o momento. Antes de se mudar para a capital do país, ela passou por três outros estados — nasceu em Andradina (SP), foi criada em Barra do Garças (MT) e chegou a morar em Goiânia (GO), onde fez graduação, mestrado e doutorado.

Mas foi em Brasília que ela decidiu fincar raízes. “Apesar dos vínculos estabelecidos em Goiânia (até então era a cidade na qual planejava meu futuro), ao concluir o doutorado, em 2013, mudei-me para Brasília, vislumbrando oportunidades e vivências engrandecedoras para meu aprimoramento profissional”, detalha. “Também veio ao encontro de meus projetos pessoais, pois meu esposo residia aqui, como funcionário público”, acrescenta.

Por isso, segundo Erica, a mudança para a capital do país foi um divisor de águas, tanto no campo

profissional quanto no pessoal. “À época, Brasília estava repleta de ipês-roxos, um símbolo de renovação e de esperança, marcando de modo inesquecível esse novo capítulo da minha vida”, recorda-se.

Ela conta que começou a trabalhar no Ministério da Saúde, período em que iniciou sua trajetória nos estudos de influenza e vírus respiratórios. “Além disso, o trabalho sedimentou minha atuação em pesquisas voltadas para a produção de evidências, visando subsidiar o planejamento, monitoramento e avaliação dos serviços e tecnologias em saúde”, comenta.

Mudança

Só que, em 2014, tudo mudou para Erica, quando ela foi aprovada em um concurso para pesquisadora em saúde pública na Fiocruz Brasília. “Era um grande sonho. Foi uma realização enorme começar a trabalhar com o que eu gosto e passar a contribuir para a melhoria da saúde da população brasileira”, ressalta.

A partir desse momento,

Sergio Velho Júnior/Fiocruz Brasília



A pesquisadora diz que tem muitos momentos e memórias na cidade

teve a certeza de que Brasília seria a cidade na qual consolidaria sua vida profissional e construiria família. Junto a outros pesquisadores locais e da Fiocruz Pernambuco, Erica elaborou uma pesquisa que teve como objetivo contribuir para o preenchimento de lacunas de dados sobre a covid longa no Brasil.

De acordo com o estudo, “a falta de dados inviabiliza o desenho de estratégias para alertar a

população sobre os riscos de desenvolver essa forma de covid-19 e de serviços de assistência para atender às pessoas que sofrem de sequelas prolongadas”.

A pesquisa sugere protocolos de monitoramento de pacientes com sequelas persistentes, investimentos em atividades de reabilitação com abordagem multidisciplinar e atenção especial à covid-19 longa nas populações vulneráveis.

Cheia de sonhos

Nos mais de 10 anos vivendo em solo brasiliense, Erica destaca que, entre os diversos locais e atividades de lazer, cultura e diversão em família, o que mais a marcou — e assim continua — é o Parque Olhos d'Água. “Foi nosso maior respiro ao ar livre no período crítico da pandemia da covid-19. Caminhadas, piquenique e registros fotográficos, contemplando a natureza, arco-íris, o pôr do sol e eventos lunares. Enfim, muitos momentos e memórias especiais”, comenta.

“Meu filho nasceu em 2019 e é o primeiro membro da família que é, genuinamente, brasiliense. A cada dia que passa, seguimos nos encantando e descobrindo novos contos e cantos em Brasília”, afirma. Para o futuro, a pesquisadora espera que a capital continue crescendo, preservando sua história e patrimônio cultural, ao mesmo tempo em que abraça a diversidade, a inovação e a sustentabilidade. “É uma cidade cheia de sonhos e oportunidades, além de ser sinônimo de força e esperança, como diz o hino”, pontua. (AS)

Luis Fellype Rodrigues



Thais Segtowick, 31 anos, paraense radicada em Brasília. É moradora do Guarã e trabalha como atendente

HISTÓRIAS DA NOSSA GENTE

"Aqui é o lugar onde eu converso com meus vizinhos. Foi onde evolui como pessoa, aprendi a ser aguerriada e a lidar com as dificuldades. (Brasília) moldou a forma como eu vejo o mundo. Consegui correr atrás dos meus sonhos e construí minha família: meu esposo e minha filha são daqui. Hoje, eu me considero brasiliense, pois incorporei muito da cultura daqui. Esse quadradinho rouba nossa atenção. Sou apaixonada e apaixonada por ele."